

COLEÇÃO **FORMAÇÃO DO**
PROFESSOR 5

*Adelina de Oliveira Novaes
Clarilza Prado de Sousa
Lúcia Pintor Santiso Villas Bôas
Marília Claret Geraes Duran*
Organizadoras

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

estudos metodológicos em educação



CHAMPAGNAT
EDITORA • FUCPR

FE
Fundação Carlos Chagas

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

estudos metodológicos em educação



Os autores são responsáveis pela escolha e apresentação dos fatos contidos neste livro, bem como pelas opiniões nele expressas, que não são necessariamente as da UNESCO, nem comprometem a Organização. As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo deste livro não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte da UNESCO a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco da delimitação de suas fronteiras ou limites.

*Clarilza Prado de Sousa
Lúcia Pintor Santiso Villas Bóas
Adelina de Oliveira Novaes
Marília Claret Geraes Duran
Organizadoras*

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

estudos metodológicos em educação

Coleção Formação do professor, 5


CHAMPAGNAT
EDITORA • PUCPR

 *Fundação Carlos Chagas*

Curitiba
2011

© 2011, Clarilza Prado de Sousa e outros
2011, Editora Universitária Champagnat

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito do Editor.

Editora Universitária Champagnat

Editor-Chefe: Prof. Vidal Martins

Conselho Editorial

Fernando Hintz Greca
Humberto Maciel França Madeira
Luiz Alexandre Solano Rossi
Maria Alexandra Viegas Cortez da Cunha
Rodrigo José Firmino
Rodrigo Sánchez Rios
Romilda Teodora Ens

Comissão Científica

PRESIDENTE
Adelina de Oliveira Novaes, FCC - CIERS-ed
MEMBROS
Ariane Franco Lopes da Silva, UNISANTOS
Carmem Lúcia Rittner, PUC-SP
Leila Yuri Sugahara, UNISANTANA
Rita Elvira García, UniRadial

Direção: Ana Maria de Barros

Coordenação: Viviane Gonçalves de Campos – CRB 9/1490

Capa: Christopher Hammerschmidt · Adaptação de Felipe Machado de Souza

Impressão: Gráfica da APC

Núcleo de Apoio Editorial: Alex de Britto Rodrigues

Janete Yun
Raphael Schnabel de Freitas
Rene Faustino Gabriel Junior

Projeto gráfico: Christopher Hammerschmidt

Diagramação: Felipe Machado de Souza

Revisão de texto: Bruno Pinheiro Ribeiro dos Anjos

Edena Maria Beiga Grein
Giuliani Carneiro Dornelles Sato

Editora Universitária Champagnat

Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio da Administração - 6º andar
Câmpus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR
Tel. (41) 3271-1701 - Fax (41) 3271-1435
editora.champagnat@pucpr.br – www.editorachampagnat.pucpr.br

R425 Representações sociais : estudos metodológicos em educação /
organizado por Clarilza Prado de Sousa [et al.]. – Curitiba : Champagnat ;
São Paulo : Fundação Carlos Chagas, 2011.
181 p. ; 21 cm. (Coleção formação do professor ; 5)

Vários autores.

Inclui referências.

ISBN 978-85-7292-255-5

1. Pesquisa educacional. 2. Representação social. 3. Educação – Filosofia.
I. Sousa, Clarilza Prado de. II. Villas Bôas, Lúcia Pintor Santiso. III. Novaes,
Adelina de Oliveira. IV. Duran, Marília Claret Geraes. V. Título. VI. Série.

CDD 370.78



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 7

**CONFERÊNCIA DE DENISE JODELET POR OCASIÃO DO
RECEBIMENTO DO TÍTULO DE DOUTOR *HONORIS CAUSA*
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO** 11

Denise Jodelet

**APONTAMENTOS SOBRE A QUESTÃO DA HISTORICIDADE
NO ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS** 35

Lúcia Pintor Santiso Villas Bôas e Clarilza Prado de Sousa

**O PROCEDIMENTO DE CLASSIFICAÇÕES MÚLTIPLAS
(PCM) E SUA PERTINÊNCIA AO ESTUDO DAS
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS** 53

*Márcia Cristina Dantas Leite Braz, Maria do Rosário de Carvalho, Rita de
Cássia Pereira Lima, Natalina Aparecida Laguna Sicca e Alessandra David*

**BIOGRAFIAS EDUCATIVAS: contribuições teórico-
metodológicas ao estudo das representações sociais** 85

Marília Claret Geraes Duran e Norinês Panicacci Bahia

**MAPAS COGNITIVOS: uma ferramenta para a análise
de representações socioespaciais** 109

Martha de Alba

ANÁLISE RETÓRICA: por que e como fazer? 151

Tarso Bonilha Mazzotti

SOBRE OS AUTORES 177

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

INTRODUÇÃO

A presente obra é resultado do intercâmbio científico entre consultores e pesquisadores associados ao Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais e Subjetividade – Educação (CIERS-ed)¹ da Fundação Carlos Chagas (São Paulo, Brasil).

Quando iniciamos o programa de pesquisa “Representações sociais de estudantes dos cursos de pedagogia e licenciaturas sobre o trabalho docente”, em 2006, foram pensadas três diretrizes orientadoras dos nossos trabalhos, com vistas a articular os quase 30 grupos de pesquisa de diferentes instituições nacionais e internacionais² que dele participavam, haja vista a heterogeneidade de formação e de referenciais teóricos de seus pesquisadores.

Assim, primeiramente era preciso ter uma definição clara acerca da perspectiva teórica das representações sociais e, para tanto, recorreremos particularmente aos estudos desenvolvidos por Serge Moscovici e por Denise Jodelet, sobretudo a partir da década de 1960, na França.

Em segundo lugar, era fundamental que o objeto de representação a ser investigado (no caso, o trabalho docente) estivesse claramente identificado, para que as análises pudessem não apenas permitir comparações entre si, mas também garantir que os grupos de pesquisa envolvidos tivessem clareza quanto àquilo que se estava buscando.

Por fim, era preciso desenhar uma metodologia que permitisse a articulação de diferentes procedimentos e de

variadas alternativas de investigação, de modo que todos os grupos envolvidos pudessem manter o mesmo rigor em sua aplicação, sem deixar de investigar aspectos mais diretamente relacionados com a trajetória e com os referenciais teóricos de cada um.

Assim, a imagem que mais nos representava era a de uma flor cujo miolo simbolizava o nosso objeto de investigação (trabalho docente) e cujas pétalas nos faziam lembrar cada um dos grupos de pesquisa, com seu formato, sua história e sua especificidade. Isso garantiu, concomitantemente, a possibilidade de análise de uma temática comum de trabalho sem descartar a realização de um estudo mais específico, o que redundou em uma ampliação do escopo do programa.

Nesse sentido, as possibilidades metodológicas apresentadas nesta obra pretendem oferecer ao leitor alternativas de estudo e de aprofundamento da investigação em representações sociais. O livro inicia com nossa homenagem à Denise Jodelet, com a publicação de sua conferência por ocasião do recebimento do título de doutor *honoris causa* na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 9 de novembro de 2009, em que a pesquisadora apresenta um breve relato histórico do estudo das representações sociais no Brasil.

Na segunda parte da obra, as contribuições foram, deliberadamente, apresentadas em ordem alfabética. Assim, dá início a essa parte o texto de Lúcia Pintor Santiso Villas Bôas e Clarilza Prado de Sousa, "Apontamentos sobre a questão da historicidade no estudo das representações sociais", que, ao enfatizar a importância da dimensão histórica no estudo das representações sociais, sobretudo quando se trata de investigar a generatividade e a construção da estabilidade dos conteúdos representacionais, traz uma discussão sobre as exigências teórico-metodológicas mínimas que devem ser observadas quando se trata de pensar historicamente uma representação social.

Em “O procedimento de classificações múltiplas (PCM) e sua pertinência ao estudo das representações sociais”, Márcia Cristina Dantas Leite Braz, Maria do Rosário de Carvalho, Rita de Cássia Pereira Lima, Natalina Aparecida Laguna Sicca e Alessandra David discutem as potencialidades da análise multi-dimensional no estudo das representações sociais.

Marília Claret Geraes Duran e Norinês Panicacci Bahia tratam das questões teórico-metodológicas relacionadas às denominadas “biografias educativas”, seus fundamentos e sua repercussão no Brasil. Em “Biografias educativas: contribuições teórico-metodológicas ao estudo das representações sociais”, as autoras analisam as bases epistemológicas que dão sustentação à pesquisa (auto)biográfica, valorizando seu papel formativo na reconstituição de novas representações.

No texto “Mapas cognitivos: uma ferramenta para a análise de representações socioespaciais”, Martha de Alba explora, por meio de dados de pesquisa, suas possibilidades de uso nos estudos de representações sociais a partir das dimensões social, territorial e subjetiva, apresentando os contornos teórico-metodológicos precisos do conceito de mapas cognitivos.

O texto de Tarso Bonilha Mazzotti, “Análise retórica: por que e como fazer?”, apresenta uma contribuição significativa das possibilidades do uso das técnicas retóricas nos estudos de representações sociais, enfatizando que as formas argumentativas são condicionadas pela situação social.

Finalmente, gostaríamos de concluir que a presente obra oferece uma possibilidade de o leitor tomar conhecimento de alternativas teórico-metodológicas férteis no estudo das representações sociais.

Clarilza Prado de Sousa
Lúcia Pintor Santiso Villas Bôas
Adelina de Oliveira Novaes
Marília Claret Geraes Duran

- ¹ Criado em 2006, com o apoio do Laboratoire Européen de Psychologie Sociale (LEPS) da Fondation Maison des Sciences de l'Homme (FMSH), França, o CIERS-ed congrega pesquisadores nacionais e internacionais em torno de um programa comum de pesquisa, realizando ainda projetos específicos, de escopo delimitado. Conta com cerca de 30 instituições nacionais e internacionais associadas e sedia, desde 2011, a Cátedra Unesco sobre Profissionalização Docente.
- ² São elas: *No Brasil*: Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Universidade Católica de Santos (UNISANTOS), Universidade de São Paulo (USP), Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), Universidade Estácio de Sá (UNESA), Centro Universitário Moura Lacerda (CUML), Universidade Estadual da Bahia (UNEB), Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Estadual Paulista/Presidente Prudente (UNESP), Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Universidade Federal de Viçosa (UFV), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), Universidade Paulista (UNIP), Universidade de Uberaba (UNIUBE), Centro Universitário Fieo (UNIFIEO), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Católica de Brasília (UCB). *Na Argentina*: Universidad de Belgrano (UB); *Em Portugal*: Universidade de Aveiro (UA). *Na Grécia*: Université de Macédoine de L'Ouest.

CONFERÊNCIA DE DENISE JODELET POR OCASIÃO DO RECEBIMENTO DO TÍTULO DE DOUTOR *HONORIS CAUSA* DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO¹

9 de novembro de 2009

Denise Jodelet

Agradeço a todos, do fundo do meu coração, a honra recebida com a concessão do título de doutor *honoris causa* desta bela universidade que, creio, é a mais antiga e a maior do Brasil. A outorga dessa distinção ganha um sentido profundo e destaque especial no ano em que se celebra “O Ano da França no Brasil”, pelo que também estou honrada e muito grata.

Gostaria de agradecer particularmente ao Magnífico Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, prof. Aloísio Teixeira; aos membros do Conselho Universitário; ao diretor do Instituto de Psicologia, prof. Marcos Jardim Freire; aos membros dos departamentos que apoiaram minha candidatura junto ao Conselho Universitário.

Obrigada aos amigos que se empenharam pela concessão deste título, e que devotaram sua atenção amigável e afetuosa para o bom desenrolar desta cerimônia, professores Angela Arruda e Luis Fernando Tura. Espero não decepcioná-los.

¹ Discurso oral, publicado conforme proferido.

Saúdo também a todos os amigos e colegas e agradeço sua presença aqui, sinal de estima e de amizade e marca de apoio a um momento de reconhecimento tão emocionante e tão feliz.

Todos vocês prolongam, neste momento de culminância de uma longa aventura compartilhada, o calor e os testemunhos de qualidade humana, os saberes que tive a felicidade de receber em seu país, o qual tanto amo.

Com a outorga do título pelo qual me torno uma de vocês, um dos membros desta universidade que está associada à história e ao estabelecimento da autonomia do Brasil, uma corrente de pensamento é consagrada. Uma corrente de pensamento que está inscrita na história da psicologia social brasileira há quase 30 anos.

Peço a todos os meus colegas, que partilham a mesma orientação de pesquisa e os mesmos interesses intelectuais e humanos, que se sintam associados a esse reconhecimento. Sem vocês, os grãos que semeei ao longo de minha caminhada não teriam tido como resultado a abundância de frutos que honram a produção brasileira em psicologia social.

Por meu intermédio, também está sendo homenageado Serge Moscovici, o iniciador dessa corrente de pensamento. Sua obra, no domínio das representações sociais, da influência das minorias, da psicologia das multidões, da história das ciências, da ecologia, logo atraiu estudantes e pesquisadores brasileiros, por ele acolhidos no Laboratório de Psicologia Social da École des Hautes Études en Sciences Sociales. Seu estado de saúde atual não lhe permite mais cruzar o Oceano Atlântico, mas ele acompanhou muitos encontros ao longo dos anos. Apoiou a criação de redes de pesquisa sobre representações sociais como:

- o CIERS-ed (Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais e Subjetividade - Educação), na Fundação Carlos Chagas;
- o CIPREPS (Centro Internacional de Pesquisa em Representações e Psicologia Social, aliás, Centro Moscovici), na Universidade de Brasília;
- o RIPRES (Rede Internacional de Pesquisa em Representações Sociais e Saúde) iniciado na Rede Luso-Brasileira "Saúde e representações sociais", que associava especialistas portugueses e brasileiros, incluindo a Universidade de Évora e o ISCTE em Portugal, as universidades federais de Rio de Janeiro, Paraíba e Santa Catarina no Brasil.

Cada um desses polos desenvolve trabalhos aos quais estão associadas várias universidades brasileiras.

Por meu intermédio, é também saudado um grande contingente de professores e pesquisadores, renomados ou iniciantes, Brasil afora. Entre uns e outros, fui apenas uma mensageira, ajudando a tecer os laços do que é hoje uma verdadeira comunidade científica. Permitam-me enunciar os Estados nos quais se registram, há mais ou menos tempo, trabalhos sobre representações sociais: Alagoas, Amazonas, Bahia, Brasília, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo.

Teria sido mais fácil enunciar o nome dos seis Estados ausentes dessa lista, mas, por outro lado, teríamos sentido menos o vento da aventura que me transportou com nossos colegas brasileiros. Além disso, essa lista, espécie de mapa dos representantes de nossa corrente de pensamento, delineia um movimento interessante a seguir. Os adeptos das representações sociais, num primeiro momento, dedicaram-se a expandir-se

para além dos limites do triângulo de ouro universitário – Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte –, no que tiveram sucesso. Mas por que seis Estados não atenderam ao apelo?

O estudo das representações sociais tem por virtude frequentemente esboçar potencialidades, negativas ou positivas, que ganharão corpo adiante. Eu mesma vivi isso, por exemplo, com o estudo desenvolvido com Stanley Milgram sobre a imagem de Paris, nos anos 70. As respostas dadas sobre a identidade dos diversos bairros e distritos esboçavam uma fisionomia do espaço urbano marcada pela divisão étnica e pela discriminação racial. Fenômenos que os resultados eleitorais favoráveis à extrema direita iriam registrar mais de 20 anos após.

A cartografia de Paris permitiu desenhar um movimento social. No caso dos seis Estados, não se poderia pesquisar as razões da sua ausência na cartografia das representações sociais? Trata-se da localização geográfica? Alguns deles estão realmente situados no extremo norte e oeste do País, mas outros estão encravados em zonas dinâmicas. Trata-se de um fenômeno cultural? Isolamento social e político? Falta de implicação na pesquisa por parte das universidades? Predominância de outros paradigmas nas ciências humanas? Subdesenvolvimento institucional? Indexação num contexto de privação humana e natural? Este conjunto de motivos possíveis aponta para uma situação que interroga e talvez encontre eco em outros setores da vida acadêmica e cultural.

De resto, pesquisadores e estudantes de universidades públicas, federais ou estaduais, ou de universidades privadas, vindos de outros Estados, começaram a se reunir a partir de 1994, com a realização da 2ª Conferência Internacional sobre Representações Sociais, organizada sob os auspícios de Celso Pereira de Sá. Eles se encontram, a cada dois anos, por ocasião das Jornadas Internacionais e Conferências Brasileiras sobre Representações Sociais, iniciadas por Margot Madeira, em Natal, há 11 anos. A cada vez, são centenas de pessoas

que se encontram numa forma de organização que permite confrontar ideias, fazer o balanço científico dos trabalhos em simpósios, mesas-redondas, grupos temáticos de discussão ou conferências.

As principais contribuições apresentadas nesses encontros têm sido objeto de muitas publicações no Brasil. Suas temáticas expressam uma grande diversidade de campos de estudo, com preocupações relacionadas ao cotidiano ou ao contemporâneo. Para ater-me apenas às grandes temáticas:

- vê-se a psicologia social dialogar com a história, a antropologia e a sociologia;
 - ocorrem trocas em amplos domínios de intervenção social como saúde, meio ambiente, educação e trabalho social. Nesses campos, o questionamento dirige-se ao sentido e aos objetivos das práticas; ao modo como os atores se situam em relação a seu contexto institucional, às restrições e aos valores que ele impõe; às relações entre os parceiros e às imagens elaboradas a seu respeito; à experiência vivida das pessoas aí engajadas; aos obstáculos encontrados na ação;
 - estudam-se os diversos modos de difusão científica e de sua apropriação pelo senso comum, os da recepção das obras culturais, da música, do cinema, ou as formas de expressão da sensibilidade popular;
 - são abordados problemas relativos às relações de gênero, e a respeito da alteridade, da exclusão e da violência, às relações intergrupais, à justiça e ao direito, à política, à educação popular e aos movimentos sociais;
 - vê-se estabelecerem-se elos entre o pensamento social e o pensamento mítico, o imaginário, a afetividade, a identidade social. Sem contar o confronto entre as diferentes metodologias de estudo das representações sociais.
- Bem, passemos adiante!

Essa diversidade atesta a pertinência de um conjunto de proposições teóricas e empíricas que é, ao mesmo tempo, abrangente e capaz de contemplar a complexidade dos fenômenos sociais observados no cotidiano. Pode até parecer um albergue espanhol onde cada um pega o que quiser. É, sobretudo, um espaço de fecundação e de inovação que autoriza uma perspectiva que não discorre de modo assertivo sobre o que é a vida social, mas, ao contrário, se quer à escuta do que pensam, dizem e fazem as pessoas comuns, em sua vida diária, sem, com isso, perder o benefício de elaborações conceituais e metodológicas que assegurem o rigor de suas descobertas. Nosso colega e amigo, o Reitor da UERJ, Ricardo Vieiralves de Castro, dizia, na abertura da 3ª Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, que essa perspectiva só tem lugar numa sociedade democrática e que serve a seu desenvolvimento. É nesse sentido que trabalham todos os nossos colegas brasileiros.

Mas essa comunidade científica é também para mim uma comunidade de amigos, de “caros amigos”, como diz Chico Buarque. O percurso feito por mim em seu país, com o qual tenho uma profunda ligação, permitiu-me, de fato, encontrar pessoas com as quais aprendi muito e estabeleci vínculos de amizade sólida e durável. Esse percurso começou, a convite de Angela Arruda, minha primeira orientanda brasileira e filha intelectual, em 1982, pelo Nordeste, o que constitui uma entrada emocionante e edificante no cerne da história e das questões sociais de seu território tão vasto. Relembrei esse itinerário por ocasião da 3ª Jornada Internacional, que teve lugar no Rio de Janeiro, sob a égide da UERJ e de outras universidades brasileiras, há seis anos. Sem querer voltar a isso, permitam-me evocar minha chegada ao Rio. Foi há 21 anos. O que levou Ricardo Vieiralves de Castro a dizer que este ano de 2009 representa minha maioridade carioca.

Após ter estado, desde 1983, diversas vezes no Departamento de Psicologia Social da PUC-SP com Silvia Lane e sua

equipe, que me fizeram descobrir o que é uma psicologia social engajada, fui a Florianópolis, a convite de Clélia de Nascimento Schulze. Tive então a oportunidade de me iniciar nas questões que se colocam no contexto da saúde. No regresso a Paris, encontrei-me com Celso Pereira de Sá. Tomei conhecimento, na ocasião, de que se realizaria algum tempo depois o 1º Congresso Internacional da Teoria da Memória, organizado por Márcio Tavares d'Amaral. O assunto da memória era para mim apaixonante – eu acabava de descobrir seu interesse teórico e a estreita relação com as representações sociais quando do meu trabalho sobre a loucura no meio rural francês. Pedi para participar.

E ali se produziu um desses milagres de inventividade comuns no Brasil. Celso, ajudado por Inácia D'Avila e Tânia Maciel, conseguiram me trazer. A eles agradeço. O Congresso acontecia nesta mesma sala e travei contato com a *intelligentsia carioca*. Tive a oportunidade de comentar os principais modelos teóricos da memória e suas relações com a noção de representação, assim como falar de uma pesquisa sobre jogos de memória e de mascaramento das lembranças dos lugares históricos. Tratava-se de um estudo sobre a cidade de Nantes, porto cujo esplendor arquitetônico se devia ao tráfico de escravos. Seus habitantes, contudo, se esforçavam por apagar da identidade da cidade as casas dos responsáveis pelo tráfico de negros, tão notáveis estilisticamente quanto os prédios públicos, joias que são o orgulho dos moradores. Alguns anos mais tarde, um movimento de retorno sobre esse período infame deu lugar a uma série de manifestações para reconciliar a população com seu passado e assumir sua responsabilidade.

Lembrei-me desse trabalho em uma contribuição ao Seminário Internacional Psicologia e Projeto do Ambiente Construído, organizado pela Faculdade de Arquitetura e pelo Instituto de Psicologia desta universidade. Além disso, a aplicação da abordagem das representações sociais à memória e à relação com o ambiente deu lugar a programas de pesquisa

importantes: o da memória social, conduzido por Celso Pereira de Sá na UERJ; o de ordenação dos espaços de vida nas instituições de acolhida de doentes mentais, coordenado por Mauro Santos, na UFRJ, com a participação de Ivany Bursztyn, Luis Fernando Tura e Angela Arruda; o do papel do imaginário social na representação e identidade dos espaços culturais, coordenado por Angela Arruda, em relação com pesquisadores venezuelanos e mexicanos.

Voltando ao primeiro encontro com meus colegas do Rio, preciso confessar que foi tanto afetivo quanto intelectual, e eu partia para o aeroporto, olhos marejados, com um último aceno de adeus que alguns me enviavam debaixo de chuva. Esse encontro ancorava em mim um grande desejo de retorno, favorecido por duradouro contato com a UFRJ e a UERJ. Vim assim vários anos seguidos, associada a suas pesquisas sobre memória e as religiões afro-brasileiras, a seus cursos e atividades de extensão, na favela Dona Marta ou na associação de moradores do município de São João de Meriti. Tais atividades me permitiram trabalhar com Luis Fernando Tura, Ricardo Vieiralves de Castro e tantos outros, dentre os quais alguns estão gentilmente aqui hoje, e viver situações estranhas. Por exemplo, passar uma noite de *réveillon*, em sinal de solidariedade, com as moradoras da Vila Mimosa, que viria abaixo para dar lugar ao Piranhão. Eu descobria as pequenas ruelas e os minúsculos cômodos em que eram recebidos os clientes: uma cama e o justo espaço para alcançá-la. Celso conta que foi preciso umas boas doses de caipirinha para que me pusesse a dançar com as mulheres e seus clientes, mas a partir daquele momento, que prazer!

Em seguida, a rede de relações e colaborações expandiu-se. De início na UFRJ, com o Instituto de Psicologia e a Cátedra da Unesco, dirigida por Inácia D'Ávila e Tânia Maciel, com o Núcleo de Estudos de Saúde Coletiva, a Escola de Enfermagem Anna Nery, a Faculdade de Arquitetura. Na PUC, com o Departamento de Serviço Social, convidada por Marilena Jamur.

Ao longo de todos esses anos estive nos Estados citados, com exceção de dois ou três, com cujos representantes, no entanto, me encontrei e estabelecemos trocas. Citar o nome de todos os meus companheiros de trabalho seria demasiado longo. Permitam-me acrescentar, aos já citados, os nomes de algumas pessoas com quem mantive estreitas relações: Brígido Camargo, da Universidade Federal de Santa Catarina; Clarilza Prado de Sousa e Vera Placco, da PUC de São Paulo; Denize Cristina, da UERJ; Eugenia Paredes, da Universidade Federal de Mato Grosso; Angela Almeida, da Universidade de Brasília.

Muitos dentre eles puderam passar uma temporada no Laboratório de Psicologia Social, a convite da École des Hautes Etudes en Sciences Sociales ou da Maison des Sciences de l'Homme. Como aconteceu com outros colegas conhecidos em diversos países da América Latina, aprendi muito e não paro de aprender no contato com eles, e o curso de minhas reflexões foi alterado. Há muitos anos, o que posso dizer ou escrever traz a marca das descobertas que fiz ao penetrar, pelo viés dos pesquisadores, na realidade fervilhante de seus países. Por toda essa riqueza, um enorme obrigada.

Durante todo esse tempo, meu papel foi de ligação e de transmissão entre o pensamento de uns e de outros, espécie de Mercúrio das representações sociais, deixando a cada um o cuidado de elaborar sua visão a partir das aberturas e dos encontros que o tempo permitiu acontecer. Falar de todas as contribuições brasileiras torna-se, portanto, difícil, na medida em que mais de 25 anos de circulação me fizeram descobrir modelos, interpretações, focalizações temáticas e teóricas que foram sendo elaboradas em liberdade e com inventividade, como resultado dos encontros de pessoas e de coordenações ou de confrontos de pontos de vista relativos a campos e realidades diversas. Eu seria incapaz de traçar o estado da arte ou fazer um balanço dessas contribuições. Aliás, não me cabe fazê-lo. É incumbência da comunidade de pesquisadores, e no Brasil já houve um grande

avanço nesse sentido, com todas as conferências e jornadas organizadas há mais de dez anos.

Contentando-me em trazer aqui e ali o resultado de leituras e pesquisas, eu não tinha modelo a propor, apenas caminhos a abrir, autores de referência a apresentar, questões a levantar, lacunas a assinalar. Não cabe recapitular aqui os trabalhos que me permitiram ir ao encontro dos demais. Evocar o passado é triste e tem sempre algo de presunçoso. Mas me permitam defender e ilustrar, diante de público nem sempre a par, uma corrente de pensamento sobre a qual o mínimo que se pode dizer é que impressiona por sua longevidade e sua resistência às críticas e recusas, e por seu poder de atração.

No início da difusão do paradigma moscoviciano e dos diferentes modelos que engendrou (estruturalista, genético, processual, dialógico, etc.), podia se pensar que se tratava de modismo. Sua amplitude geográfica, a importância de seu público, sua duração bastam para provar o contrário. Podia-se também esperar, na adesão a tal teoria, um funcionamento de tipo sectário – reunião em torno de uma figura tutelar, um guru, de certo modo. O entusiasmo com que se pedia, nas conferências, o autógrafo de Moscovici ou sua permissão para uma foto a seu lado às vezes podia dar essa impressão. Mas a autonomia dos diversos grupos de pesquisa e as escolhas entre os modelos propostos para a abordagem das representações sociais mostraram o caráter equivocado dessa imagem. Uma imagem que, aliás, poderia lembrar muitas “paixonites” por algumas figuras emblemáticas do pensamento francês ou europeu, em muitos grupos universitários.

Recentemente, travamos uma discussão, na 3ª Conferência Brasileira, sobre se haveria ou não se constituído no Brasil uma verdadeira escola das representações sociais. Para escapar à imagem de um grupo dominado por uma autoridade intelectual, propus uma versão “soft” do termo *escola*, inspirada no seu uso nas artes: um grupo ligado por um mesmo estilo e uma mesma localização. Isso permite apreender a originalidade nacional

de um conjunto de pesquisadores que se interessam por uma mesma realidade social e se reúnem numa abordagem. Melhor seria falar-se hoje de movimento, dadas a autonomia dos grupos de pesquisa e a diversidade das orientações e das práticas que os caracterizam.

Entre as razões que explicam a força desse movimento, já mencionei o alcance da teoria das representações sociais. A diversidade das dimensões psíquicas, intelectuais e cognitivas que ela abraça, a diversidade dos níveis sociais, individuais, interindividuais, intergrupais e ideológicos que ela articula permitem dar conta da complexidade dos fenômenos que uma psicologia autenticamente social deve considerar.

No plano epistemológico, essa teoria se apresenta como uma perspectiva que revoluciona a psicologia social, cujas correntes dominantes permanecem, ainda hoje, centradas em processos puramente intraindividuais. Os historiadores da disciplina consideram-na como uma das grandes correntes alternativas que se opõem ao *mainstream*. Pelo viés da comunicação social e da triangulação ego-alter-objeto, a teoria das representações sociais propõe um novo olhar psicossocial sobre a relação, no mundo midiático, com o outro. Ela restitui ao pensamento e aos processos psíquicos seu caráter dialógico. Considerando os contextos em que se inscrevem a prática e a ação, ela reintroduz, na análise dos fenômenos representativos, a ordem da cultura e da história.

No plano empírico, estamos diante de uma proposição que oferece a vantagem de associar dispositivos metodológicos específicos a modelos particulares para o tratamento da noção de representação. Assim, é possível ter à sua disposição, segundo a problemática dada e o meio que se estuda, uma bateria de técnicas qualitativas e quantitativas adaptadas à construção e à exploração dos objetos de pesquisa.

Outra razão para o interesse despertado pelas representações sociais vem da natureza dos fenômenos estudados e dos